

APRENDER FRANCÊS NA ESCOLA PÚBLICA: O CASO DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

Jéssica Pastoriza Del Rios

RESUMO

A língua francesa no Brasil não tem metade da popularidade da língua inglesa, por exemplo. Então, o fato de algumas escolas públicas escolherem o francês como uma possível disciplina merece ser estudado. Neste caso, a intenção do trabalho é tentar explicar, no que tange a métodos, professores e condições gerais, como esse ensino acontece. Para tentar descortinar parte disso, optou-se por fazer uma entrevista com uma professora em uma escola pública de Porto Alegre que oferecesse essa opção.

Palavras-chave: Ensino público. Língua estrangeira. Motivos para estudar Francês.

ABSTRACT

It is known that the French language in Brazil doesn't have the half of popularity that English does, for example, so the fact of some public schools have chosen that language as a possible discipline, deserves to be studied. In this case the intention of the work is to explain its method, teachers and general conditions to this process be successful. To discover if part of it is being done, it was chosen to make an interview with a teacher inside one public school of Porto Alegre which offers this option.

Key Words: *Public Education, Foreign Language, Reasons to Study French*

Faculdade Porto-Alegrenses - FAPA

1. INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste estudo é analisar a oferta de ensino de língua francesa em escolas públicas municipais de Porto Alegre – considerada de certa forma incomum, se comparada ao que acontece na maioria das escolas públicas brasileiras –, procurando verificar sua contribuição para os estudantes e entender como ela funciona atualmente numa escola da Rede Pública Municipal de Porto Alegre.

A motivação deste artigo surgiu de um interesse geral pela língua francesa e pela constatação de que não é comum a ocorrência de falantes de francês e de que cursos dessa língua são bem mais raros do que de outras. De frente com essa situação pouco usual, nasce a curiosidade sobre o ensino de línguas além das convencionais – espanhol e inglês – na rede escolar municipal de Porto Alegre, já que, por questões de mercado e de uso mais comum em época de globalização guiada por norte-americanos e também pela quantidade de falantes, a preferência geralmente é por esses outros dois idiomas.

Vale citar aqui, que algum traço de identidade francesa é conhecido pela forte influência que teve o país europeu em certo período da história do Brasil, inclusive da cidade de Porto Alegre e do estado do Rio Grande do Sul, mostrando-se em costumes imitados, estilos arquitetônicos e até literário como diz Candido (1987) no trecho a seguir:

No caso dos países de fala espanhola e portuguesa, o processo de autonomia consistiu, numa boa parte, em transferir a dependência, de modo que outras literaturas europeias não metropolitanas, sobretudo a francesa, foram se tornando modelo a partir do século XIX, o que, aliás, ocorreu também nas antigas metrópoles, intensamente afrancesadas. Atualmente é preciso levar em conta a literatura norte-americana, que constitui um novo foco de atração.

Numa situação dessas, na qual é descoberto o ensino de algo que foge desta “onda” mundial influenciada pelos Estados Unidos – também citada por [Hallewell](#) (2005) no seguinte comentário: “O aumento da influência norte-americana no Brasil, nos anos de 1940 e 1950, igualou o idioma inglês ao francês no que respeita conhecimento e utilização” –, surge à chance de conhecer melhor os aspectos desse ensino, como, por exemplo, as razões da existência dessa oferta, sua importância e a colaboração que dá aos alunos de escolas públicas, o interesse dos estudantes por essas aulas, a qualificação dos professores, os métodos usados e o acompanhamento desse ensino.

A partir daí também é possível analisar de forma geral a valorização do ensino de um idioma estrangeiro em nosso país, já que um dos principais desafios quando se trata do ensino de línguas estrangeiras, é a valorização de sua importância. Por isso, uma parte do trabalho é dedicada a falar sobre esse tópico referente ao francês. Além disso, fala-se de forma breve sobre a experiência específica da profissional entrevistada para este trabalho, suas intenções, formação, didática e opinião, além da reflexão sobre seus esforços, bem como sobre a diretoria da escola na vida de seus alunos com um projeto não costumeiro, mas que vem se mantendo em boas condições e resultados.

2. O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

A presença do ensino de línguas estrangeiras adicionais nas salas de aulas porto-alegrenses ajudaria a afirmar a importância que se dá à aprendizagem de línguas estrangeiras, que, segundo Gantier (1968),

[...] tem por fim, primeiramente, dar ao indivíduo uma formação linguística. [...] A sensação de prazer que o indivíduo tem ao “saber” uma outra língua para além da materna representa, sem dúvida, uma das motivações mais fortes para a aprendizagem a que se submete.

É a percepção de que o indivíduo completo deve ter, em sua formação, também como uma das prioridades a aquisição de outra língua, que busca aplicar a escola investigada neste trabalho. Girard (1976) explica que o desenvolvimento considerável do ensino de línguas vivas no mundo inteiro tem suas causas de ordem política, econômica e sociológica. Como línguas vivas se consideram aquelas que ainda são amplamente usadas, e, por isso, ainda sujeitas a alterações.

Ao aprender um novo idioma, de cultura diferente da sua, o aluno abriria seus horizontes para conhecer e respeitar diferenças além de ter então, mais uma oportunidade de se qualificar para um futuro trabalho e de ampliar sua comunicação, conforme dizem Luz e Almeida (2010):

Vivemos em uma sociedade globalizada onde aprender uma segunda língua é vital. Quando estudamos outro idioma, não apenas nos oferece uma boa oportunidade para o mercado de trabalho, mas também aprendemos o significado de cultura. Conhecer outra língua

leva-nos a compreender outro estilo de vida e desta maneira passamos a entender melhor o modo de ser e pensar de outros povos.

Ou seja, há possibilidade de aprender-se uma nova língua, e, se houver interesse, especializar-se nela, usando-a talvez como profissão – na docência, por exemplo. Mais especificamente sobre o ensino da língua francesa em cursos de Letras de Portugal, na publicação Atas do 4º Encontro Nacional do Ensino das Línguas Vivas no Ensino Superior da Universidade do Porto, Carneiro (1999, p 332) comenta:

Se a primeira vocação das faculdades de Letras será tão somente, nos tempos que correm, de conduzir a maioria dos seus estudantes para o exercício quase exclusivo do professorado, ou se, no caso mais específico do ensino da língua francesa, não lhes cabe despertar novos interesses, investir na sua expansão e diversificação possibilitando a “outros” destinatários a satisfação das suas necessidades comunicativas.

Há poucos anos atrás, Irina Bokova, diretora-geral da UNESCO em matéria publicada no site do jornal Estadão de Akita (2010), declarou o seguinte sobre o fato de a evolução da educação no Brasil não ser proporcional aos progressos em outros setores: "Não podemos permitir o surgimento de uma ‘geração perdida’ de crianças privadas da possibilidade de receber uma educação que lhes permita sair da pobreza."

Com certeza, se tem, pelo menos na escola aqui pesquisada, um bom exemplo que luta contra essa privação, e pelo contrário, oferece a essas crianças e adolescentes o direito a conhecer um novo idioma. Esta migração do ensino de línguas estrangeiras, antes exclusivo de elites intelectuais, para público menos favorecido social e financeiramente, é proposta, segundo, Rivers (1975) após a quebra de uma afirmação que por tempo perdurou de que esse tipo de ensino só seria adequado a alunos que se destacassem em raciocínio e desempenho. No entanto, ela afirma que, “quando se ensina a língua em termos de uma habilidade a ser adquirida, numerosos alunos, considerados pouco inteligentes, podem usufruir do estudo.”

2.1 Francês para a vida

Mais especificamente falando sobre o francês, pode-se dizer que a presença de algum contato com a língua no currículo pode destacar o aluno para possíveis vagas em que o uso de

tal idioma seja necessário, para as quais não encontraria muitos concorrentes em Porto Alegre, com exceção daqueles que pudessem arcar com o custo de um curso particular ou tivessem a oportunidade de cursar a língua num centro de línguas de uma universidade federal.

Ou seja, os alunos sobre os quais aborda este trabalho têm uma ótima oportunidade de contato básico com a língua, o que, por não ser obrigatório e cobrado pelos órgãos responsáveis pela educação, poderia fazer com que houvesse certo desprezo por essas aulas em que dificilmente veriam sentido e utilidade se não fossem devidamente orientados. No entanto, a professora pesquisada fala de maneira otimista sobre a percepção da valorização deste ensino, quando comenta sentir-se em vantagem com relação a outras disciplinas, pois esse idioma agora pouco divulgado e estudado em nosso país vem como novidade, atraindo a atenção e o interesse de jovens alunos. Na escola pesquisada, as turmas de Francês eram do 4º ao 8º ano, faixa etária em que se valoriza muito o que é “novo”.

A motivação da profissional desta pesquisa pela escolha dessa língua é pessoal e familiar, pois, na infância, morou na França, e, desde então, carrega desejo de trabalhar com a cultura que conheceu de perto. Sabendo que a maioria de seus alunos não tem o mesmo histórico, ela procura sabiamente expor de maneira dinâmica razões para que os alunos estejam motivados a estar na aula.

Essa escola foi recomendada pela SMED (Secretaria Municipal de Educação) como exemplo de sucesso no ensino de línguas estrangeiras na rede pública. Apesar de os dados coletados pela presente pesquisa serem de apenas um lugar e por isso não servirem como base concreta sobre o ensino geral, a coleta foi satisfatória por mostrar alguns pontos positivos em um assunto tão delicado e criticado que é a educação pública no Brasil; serve também para, numa visão esperançosa, perceber que é possível haver uma aula interessante e enriquecedora mesmo quando o assunto não é tão popular. Para isso, a educadora disse fazer sempre a tentativa de aproximação de culturas.

Enfim, com a criatividade da professora e o empenho da escola, se consegue sim oportunizar aos alunos novas perspectivas de conhecimento que podem ser de muitas formas úteis para seu crescimento pessoal e profissional.

A Aliança Francesa, conceituada rede de escolas da língua francesa, no site de sua unidade de João Pessoa (, lista motivos para se aprender o francês que se encaixam com o desenvolvimento deste trabalho e por isso alguns são citados a seguir:

- Mais de 200 milhões de pessoas falam francês nos cinco continentes. O francês é um grande idioma de comunicação internacional. É a segunda língua estrangeira a ser ensinada no mundo inteiro, após o inglês, e o nono idioma mais falado no mundo. A Francofonia engloba 68 Estados e governos. A França dispõe da maior rede de estabelecimentos culturais no exterior, onde são dispensados cursos de língua francesa a mais de 750 mil pessoas.

- A França é o país mais visitado no mundo inteiro, com mais de 70 milhões de visitantes por ano. Para quem possui noções de francês é tão mais agradável visitar Paris e todas as regiões da França (desde a belíssima Côte d'Azur até os cumes nevados dos Alpes, passando pelo litoral selvagem da Bretanha), mas também compreender a cultura, o espírito da população e a arte de viver «à lafrançaise». O francês também é útil quando se viaja à África, à Suíça, ao Canadá, a Mônaco, às Ilhas Seychelles, etc.

-Os professores de francês são conhecidos pelo seu dinamismo, criatividade e alto nível de exigência. Como o francês tem a reputação da excelência, os alunos são muitas vezes motivados e de bom nível.

Há também a possibilidade de apresentar para esses alunos um ingresso na literatura, explorando diversos gêneros em uma variedade linguística, tendo assim, mais chances de “conquistar” diferentes tipos de alunos. Afinal, é sabido que alguns estudantes relutam ao aprendizado de conteúdos nos quais não vêem contextualização, o mesmo ocorre com os conteúdos de língua estrangeira, cabendo ao professor às vezes ser o criador do contexto ideal se valendo de interesses diversos que seus alunos possam ter, ou passar a ter a partir destas aulas. Conforme dito anteriormente, essa “porta” de entrada se dá para as artes em geral, mas se refere, em especial, à literatura, por esta estar diretamente ligada ao aprendizado de línguas e ao desenvolvimento em comunicação.

3. METODOLOGIA

Para a realização do projeto mencionado neste artigo, foi necessário usar métodos de pesquisa que incluíssem interação para se observar uma situação mais próxima do cotidiano o possível, no caso, visitação de uma escola recomendada pela SMED (Secretaria Municipal de Educação) como exemplo de sucesso no ensino de línguas estrangeiras na rede pública. O que a escola objetiva é que cada aluno tenha no mínimo dois anos de estudo de cada uma das três línguas oferecidas: Espanhol, Francês e Inglês. Em muitas outras escolas da rede municipal de Porto Alegre, geralmente são oferecidos menos idiomas conforme a disponibilidade de docentes.

Na entrevista com a professora, cujas perguntas estão após este parágrafo, se colheram as informações consideradas pertinentes. Este projeto focou no ensino dado pelo professor de uma língua específica em um determinado ambiente, por isso, dados como número e características dos alunos não são relevantes. Houve prioridade nos dados sobre a oferta do Francês naquele contexto. O seguinte questionário pautou a entrevista:

PERGUNTAS PARA EDUCADORA DE LÍNGUA FRANCESA EM ESCOLA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE NOV/2011

Acadêmica Jéssica Pastoriza

- Qual a sua formação?
- Há quanto tempo leciona?
- Por que escolheu estudar francês?
- Quando e como soube que a rede pública municipal oferecia este idioma?
- Como vê a valorização da língua francesa entre seus alunos?
- E na população em geral?
- Com qual faixa etária trabalha?
- Qual material didático é usado (padrão ou não)?
- Quais didáticas mais recorrentes nas aulas de francês?
- Quais habilidades focadas (ler, escrever, falar ou ouvir)?
- As aulas se restringem ao ensino da língua ou também se insere os alunos na cultura estrangeira?
- Como costuma avaliar os alunos nesta disciplina?
- Acredita que é diferente lecionar francês do que, por exemplo, inglês e espanhol, por quê?
- Como percebe o resultado deste ensino até o momento?
- Você está profissionalmente satisfeito nesta área?
- Acha que algo poderia melhorar o que?

4. COMO ACONTECE O ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE

Através da entrevista realizada com uma professora, foi alcançado o objetivo de conhecer melhor as características do ensino de francês em escolas públicas de Porto Alegre; o que se segue é uma breve análise dos fatores questionados. Antes de se discutir as respostas obtidas, é válido discorrer sobre esta iniciativa da prefeitura em implantar línguas adicionais no ensino fundamental. Considera-se o projeto de começar a ensinar línguas estrangeiras numa idade de infância/adolescência fundamental no desempenho que esses alunos possam chegar, já que, Rivers (1975) afirma que ao retardar este ensino, se deixa de capitalizar a capacidade natural das crianças pequenas de aprenderem línguas e também que neurofisiólogos sustentam ser entre quatro e dez anos a melhor idade para o aprendizado de línguas estrangeiras. Portanto, acredita-se que a implantação deste projeto municipal no ensino fundamental seja realmente adequada.

Sobre a formação do educador, pode-se notar que, oficialmente, na prefeitura de Porto Alegre, não se exige graduação em língua francesa, pois, no caso analisado, a formação inicial da professora foi em Letras Inglês com especialização em Francês, a docência já estava presente há mais de 20 anos como profissão desta professora, mas o ensino desta língua era recente. A baixa quantidade de cursos de graduação no Brasil que formem professores dessa língua estrangeira é uma demonstração de sua pouca demanda, gerando então professores por vezes formados em outra língua, mas que por interesse próprio buscaram outras opções de se especializar que não fosse a graduação.

Como o projeto de ensinar esta língua na escola estudada era recente, notou-se que ainda não havia padronização no material didático – este, então, elaborado integralmente pela professora. A presença de um material padronizado seria bem-vinda para guiar cronogramas e planos de ensino mais formalizados, orientando o profissional e propiciando aos alunos uma continuidade e progressão com relação aos conteúdos. Nas suas didáticas, aproveitando a flexibilidade do material e do assunto, a professora entrevistada usa também dinâmicas de fotos, vídeos, músicas e jogos para trabalhar todas as habilidades necessárias na aprendizagem de uma língua, como leitura, escrita, fala, escuta e contextualização.

Para avaliar as turmas, são feitos constantes trabalhos além de provas. Ou seja, apesar de a disciplina não “reprovar” nenhum aluno, há uma preocupação em acompanhar sua compreensão e progresso, demonstrando cuidado com a qualidade, já que Rivers (1975)

ênfatiza buscarem-se os verdadeiros motivos e objetivos de avaliações em língua estrangeira, pedindo que o educador se pergunte o que ele pretende com os tipos de testes que dá e como distribui conteúdos e níveis numa turma em que, dependendo do conteúdo estudado, pode haver mais de uma compreensão diferente e plausível sobre um mesmo tema.

O enfoque do projeto vigente na escola é diferenciado pelo fato de a língua ensinada não estar inserida na cultura dos alunos como outras estão; logo, com o projeto em desenvolvimento, o objetivo da direção da escola é fornecer uma base de qualidade em pronúncia, vocabulário e estrutura para aprofundamento futuro. A profissional demonstra grande satisfação com o trabalho que está podendo fazer, e só aponta a pequena carga horária de língua estrangeira como fator a ser melhorado. Esse fator também é citado pela UNESCO, segundo o site do Estadão, como justificativa de um dos “pontos fracos” da educação Brasileira.

Além disso, pode-se notar que a estrutura física do ambiente escolar era agradável e adequada, assim como a formação das turmas, não sendo muito grandes e deixando que os alunos se sintam à vontade e próximos, tanto um dos outros como da professora. Isso é condição determinante para a desenvoltura numa aula de língua estrangeira, em que muitos se sentem desconfortáveis com relação à pronúncia, ao vocabulário e à construção frasal – logo, precisando de uma atenção firme e gentil para se familiarizarem com os conteúdos das aulas.

5. CONCLUSÃO

A realização deste trabalho foi de grande satisfação por os dados colhidos serem alentadores, já que as reclamações sobre o ensino público são constantes, conforme mostra este trecho retirado do site do jornal Estadão escrito por Akita (2010):

Elevados índices de repetência e de abandono da escola no Brasil foram apontados em relatório da UNESCO SÃO PAULO - Com índices de repetência e abandono da escola entre os mais elevados da América Latina, a educação no Brasil ainda corre para alcançar patamares adequados para um País que demonstra tanto vigor em outras áreas, como a economia.

Isso significa que, apesar de uma evolução notável em vários setores, o ensino permanece como um grande problema do país, se acusando além da falta de políticas

incentivadoras, a pouca qualificação de docentes e a falta de interesse dos alunos, o que não se confirmou nesta pesquisa.

É de se imaginar que uma língua que tem poucos falantes em nossa cidade necessite de uma abordagem diferente em sala de aula. Pode-se perceber que isso é possível e realizado de forma fiel ao objetivo da direção da escola e da Prefeitura, pelo esforço da educadora em apresentar atividades práticas, de vivência, como encenações e exposições de dados sobre o país distante. Conforme diz Menezes (2007): “Não é fácil aprender francês. Não se trata somente de aprender um novo sistema fonético e adquirir novo vocabulário. O buraco é mais profundo.” Não que ele falasse especificamente de conhecer uma nova cultura, mas pode-se citar isso como uma “parte” do buraco que mesmo que fosse feito só do sistema fonético e vocabulário, não seria nada raso, pois só estes tópicos já incluem grande quantidade de conteúdo de certa complexidade.

Também se destaca aqui o preparo e real desejo da professora em trabalhar na área, conseguindo preparar cuidadosamente suas aulas para melhor aproveitamento dos alunos, demonstrando gosto pelo que faz - grande vantagem em qualquer profissão, mas especialmente nesta que busca em outros valores a compensação que o lado financeiro não trás, sobre um grupo de professores, [Abrahão](#) e Helena (2008) afirmam:

A vida profissional desses educadores é, sem exceção, de uma riqueza, de um comprometimento, de uma paixão pela profissão que, se percebe claramente pelas histórias, o quanto aprenderam e o quanto influenciaram/influenciam as comunidades em que atuaram/ atuam, não só diretamente aos seus alunos, mas indiretamente aos familiares dos alunos.

O que é citado acima combina com a profissional entrevistada, disposta a ensinar francês devido às influências pessoais que fizeram parte da sua vida, história essa que, se compartilhada com os alunos, pode até nestes fomentar a vontade de buscar novos conhecimentos, sejam eles de outros idiomas ou até de conhecer outras culturas e lugares. Nota-se pelo site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre dedicado às línguas adicionais um vasto programa de preparação constante e diversificada para instigar profissionais à ampliação de conhecimentos e atualização, eventos estes que confirmam o investimento organizacional visando o que Leffa (2001) explica no trecho a seguir:

O professor de línguas estrangeiras, quando ensina uma língua a um aluno, toca o ser humano na sua essência – tanto pela ação do verbo ensinar, que significa provocar uma mudança, estabelecendo, portanto uma relação com a capacidade de evoluir, como pelo objeto do verbo, que é a própria língua, estabelecendo aí uma relação com a fala. Mas, se lidar com a essência do ser humano é o aspecto fascinante da profissão há, no entanto, um preço a se pagar por essa prerrogativa, que é o longo e pesado investimento que precisa ser feito para formar um professor de línguas estrangeiras. Sem esse investimento não se obtém um profissional dentro do perfil que se deseja: reflexivo, crítico e comprometido com a educação.

A formação de um professor de línguas estrangeiras envolve o domínio de diferentes áreas de conhecimento, incluindo o domínio da língua que ensina, e o domínio da ação pedagógica necessária para fazer a aprendizagem da língua acontecer na sala de aula.

Espera-se o reconhecimento dos estudantes assim como de seus familiares sobre este ensino ao qual poucos alunos da rede pública da cidade têm acesso, com a compreensão de quanto pode ser útil para seus futuros essa oferta diferenciada que tiveram na escola.

Uma preocupação comentada por Rivers (1975) que fica sem resposta é sobre o futuro desse ensino, lembrando que, ao terminar o ensino fundamental, seria ideal que os alunos mantivessem esse estudo com a mesma qualidade, mas em nível mais avançado. Para isso é necessário pensar na demanda de profissionais preparados, assim como plano organizado pela escola para que aqueles que até então podiam aproveitar estas aulas e aprender todo um mundo novo que é conhecer uma língua nova não se decepcionem ao chegar ao ensino médio e perder o contato com a língua ou manter o contato com uma qualidade inferior.

Ao dar continuidade ao projeto, é provável que a escola padronize material usado na elaboração das aulas, o que nortearia os educadores em seus planejamentos. Por final, se destaca a compreensão na realidade atual de qualquer disciplina, a importância do envolvimento da direção, corpo docente e discente em fazer do estudo algo atraente e prazeroso, sempre criando situações favoráveis contextualizadas com a turma que se tem e com clareza nos objetivos que se procura alcançar.

REFERÊNCIAS

17 BOAS RAZÕES PARA OPTAR PELA LÍNGUA FRANCESA. Disponível em: <<http://www.afjoapessoa.com.br/spip.php?article42>>. Acesso em 18 de abril 2012.

AKITA, E. **Qualidade da educação no Brasil ainda é baixa, aponta UNESCO.** Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,qualidade-da-educacao-no-brasil-ainda-e-baixa-aponta-unesco,498175,0.htm>>. Acesso em 12 de abril de 2012.

LMEIDA, D; LUZ, L. **A importância de se aprender uma língua estrangeira e prática docente.** Disponível em: <<http://discutindoformacaodeprofessores.blogspot.com.br/2010/01/importancia-de-se-aprender-uma-lingua.html>> Acesso em 10 de abril de 2012.

CANDIDO, A. **A Educação pela Noite.** São Paulo: Ática, 1987.

GANTIER, H. **O ensino de uma língua estrangeira.** Lisboa: Estampa 1968.

GIRARD, D. **As línguas vivas.** Coimbra: Almedina, 1976.

CARNEIRO, M. **Ensino das Línguas Vivas no Ensino Superior em Portugal.** Porto: Universidade do Porto, 1999.

HALLEWELL, L. **O livro no Brasil: sua história.** São Paulo: Edusp, 2005.

HELENA, M.; ABRAHÃO, M. **Educadores Sul Rio-Grandenses: muita vida nas histórias da vida.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

LEFFA, V. J. **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão.** Pelotas: 2001.

MENEZES, D. **Festa dos Sentidos.** Disponível em: <<http://comunicacao.blogspot.com.br/2007/06/no-fcil-aprender-francs.html>>. Acesso em: 11 de abril de 2012.

RIVERS, W. **A metodologia do ensino de línguas estrangeiras.** São Paulo: Pioneira, 1975.